

Especialistas e pais contam como a paciência da maturidade e a convivência entre filhos de idades distantes trazem novos aprendizados

Débora Ertel

pautanh@gruposinos.com.br

Foi com 22 anos que Solinei Cecatto, 44 anos, se tornou pai de Lucas Gabriel dos Santos. Depois de 20 anos, o representante comercial vive uma nova experiência com a chegada de Felipe e Maria Alice Dieder Cecatto, de 2 anos e 8 meses e 11 meses.

Já o funcionário público Carlos Braga, 71, vivenciou a paternidade aos 26, aos 30 e aos 54 anos. Ele é pai de Carlos Rodrigo e Jéssica Braga, 45 e 41, e de Carlos Henrique Gonzatto Braga, 17.

Tanto Solinei como Carlos experimentam a vivência de um intervalo maior de gerações na criação dos filhos. Enquanto os mais velhos chegaram ao ápice da juventude, os mais jovens nasceram em um momento de maturidade da vida.

“É um aprendizado todo novo, é uma geração completamente diferente. No dia a dia a gente aprende a conciliar a agitação do Felipe, o processo de crescimento da Maria e a convivência com o Lucas, já com outras demandas”, conta Solinei, que mora em Portão.

Diferença geracional

Para o mestre em Psicologia Clínica Rodrigo Souza, essa diferença geracional não é uma novidade dentro das famílias. Isso porque antigamente os pais tinham muitos filhos e o mais velho acabava tomando esse lugar de “meio pai”. “O que nós temos hoje, realmente, são menos filhos, e aí essa diferença aparecendo, também num contexto de novas configurações familiares. Por exemplo, de recasamento”, pontua Souza.

Carlos, que mora em São Leopoldo, é casado há 25 anos com Mariléia Gonzatto, 60. Ele se aposentou logo após a chegada de Carlos Henrique e acompanha de perto a rotina do filho mais novo. O estudante é goleiro e já passou por vários clubes, atualmente no elenco do Novo Hamburgo.

“Normalmente quando você tem um filho único, no caso, ele seria o único do nosso casamento, o filho tende a ser mais mimado. Mas eu sempre criei com responsabilidade e independência para seguir a vida. E vamos dizer que isso eu consegui manter na criação dos três, mesmo tendo essa diferença”, relata.

Sobre esse aspecto, a doutora em Educação e terapeuta familiar Gilca Lucena Kortmann comenta que a parentalidade tardia traz mais maturidade emocional, embora também haja casos que “exageram na paciência”. “Aí tornam os filhos mais infantilizados por entenderem que têm que curtir até o último momento da sua infância”, pondera.

Dia dos Pais

O tempo a favor: como a maturidade molda a relação de pais e filhos



Carlos Henrique Braga, 17, e Carlos Braga, 71, compartilham momentos em família e têm muitas conversas



Solinei Cecatto, com Lucas, Felipe e Maria Alice, uma família que perpassa diferentes gerações

Estabilidade financeira = mais tempo

Gilca Kortmann destaca que a estabilidade financeira e de carreira dos pais mais velhos proporciona mais tempo para acompanhar o desenvolvimento dos filhos. Essa situação é confirmada por Solinei e Carlos. Ambos relataram que no momento da chegada dos filhos mais velhos, o trabalho ocupava bastante espaço na agenda, pois era necessário honrar os compromissos.

“Era o momento de conseguir o sustento, de conciliar os estudos. Então, a chegada do Lucas foi realmente um processo de maturação que nos levou a um crescimento muito grande como seres humanos”, relembra Solinei.

Já com Felipe e Maria, frutos do casamento de dez

anos com Débora Dieder Cecatto, 33, é diferente. “Hoje, a gente chega em casa e precisa brincar com as patroas, jogar bola, levar pra andar de bicicleta, caminhando na rua. Então é uma rotina completamente agitada, diferente, desafiadora, mas que é muito prazerosa”, partilha.

No dias atuais, muito se fala sobre o avanço da tecnologia e a dificuldade de as gerações mais antigas acompanharem essa evolução, o que poderia ser um entrave no relacionamento entre pais e filhos. Souza vê essa questão como um desafio, que vai além de algoritmos e uso de inteligência artificial.

“A gente tem hoje o desafio de os pais serem mais presentes, acompanharem o

desenvolvimento dos filhos, para justamente poder encontrar o que conecta.

Eu não preciso aprender a lidar com isso. Mas eu preciso entender que é esse universo para dialogar e perguntar: o que é isso? Me mostra?”, avalia o profissional.

Na mesma linha, Gilca defende que a troca de repertório gera riqueza entre as diferentes gerações, o que fortalece pontes de conexão.

“O que o filho precisa não é um pai que acompanhe o seu ritmo físico. Mas um pai que esteja emocionalmente presente para orientar suas escolhas, para dar modelos de atitudes. Que os pais sejam a ponte geracional, que não é feita de tecnologia, é feita de afeto, de escuta, de resiliência”, diz.



A importância de sentar para tomar junto um chimarrão

Carlos Henrique destaca que admira a persistência do pai e garante que seu hobby favorito ao lado dele não tem nada a ver com telas. “O que mais gosto de fazer com ele é tomar chimarrão à tarde.”

Lucas, que estuda Engenharia da Computação e trabalha com desenvolvimento de software, diz que o relacionamento com Solinei é muito bom, apesar de morarem em casas separadas, mesmo os dois residindo em Portão.

“O que gostamos de fazer é almoçar juntos para falar sobre oportunidades, carreira, futuro, sentimentos”, conta. “Acho que os momentos mais marcantes mesmo são os de estar junto do pai, do irmãozinho e da irmãzinha, da madrastra avós e tios. É sempre um momento muito família e de muito conforto”, resume.

Conexão

Souza defende a coerência entre aquilo que o pai cobra dos filhos e aquilo que vive no seu dia a dia. “A fala convence, mas o testemunho arrasta”, alerta. Sobre o Dia dos Pais, ele salienta. “Eu penso que os pais se conectem com seus filhos, pensem como têm vivido sua paternidade e, se necessário, façam mudanças, busquem ajuda. A gente não aprende a ser pai e mãe, a gente vai aprendendo fazendo”, aconselha.

“A gente sempre tem o sonho de eles se realizarem profissionalmente, individualmente. Então essa é a preocupação que todo pai consciente tem. Muita gente não quer sequer tentar e se expor a esse desafio, mas eu acho que traz um retorno”, finaliza Carlos.

“Não existe substituto para o pai, não necessariamente o pai genitor ou gerador. O filho precisa ter um pai, precisa ter a presença masculina, precisa ter essa referência. O super-herói do filho é o papai. Então o pai é o que vai realmente dar o norte, dar o direcionamento”, conclui Solinei.